



Recebido em
16-11-2017

Aprovado em
28-05-2018

Como citar este artigo

Oliveira NL; Silva GTR. [Maria José de Oliveira: trajetória de vida e contribuições da identidade profissional de enfermeira na Bahia]. Hist enferm Rev eletrônica [Internet]. 2018; 9 (1):61-75.

Maria José de Oliveira: trajetória de vida e contribuições para a construção da identidade profissional da enfermeira na Bahia

Maria José de Oliveira: life trajectory and contributions for the construction of nurses professional identity in Bahia

María José de Oliveira: trayectoria de vida y contribuciones para la construcción de la identidad profesional de la enfermera en Bahía

Núbia Lino de Oliveira^I, Gilberto Tadeu Reis da Silva^{II}

^I Universidade Federal da Bahia, Escola de Enfermagem, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Salvador, BA, Brasil.

^{II} Universidade Federal da Bahia, Escola de Enfermagem, Departamento de Enfermagem Médico Cirúrgica e Administração de Enfermagem, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Salvador, BA, Brasil.

RESUMO

Objetivo: Descrever aspectos biográficos de Maria José de Oliveira, analisar sua trajetória de vida e assinalar suas contribuições para o desenvolvimento da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia. **Métodos:** Trata-se de pesquisa descritiva, realizada por meio da análise da história oral de vida relatada pela própria biografada, no período de março a abril de 2015, e de fontes primárias pertencentes ao Núcleo de Memória da Escola de Enfermagem. **Resultados:** A trajetória de vida de Maria José de Oliveira revelou uma mulher com formação profissional ética, que lutou pela valorização da imagem da enfermeira e da Escola de Enfermagem da Bahia. Como diretora contribuiu para a integração docente-assistencial e conquista da independência administrativo-financeira da escola. Destacou-se como primeira egressa a presidir a ABEn-seção Ba e a coordenar a residência da Escola de Enfermagem, representando a nova geração de enfermeiras baianas de nível superior. **Conclusão:** Seu comprometimento profissional e luta em prol da enfermagem levam à compreensão da conformação da Escola de Enfermagem, em seus aspectos político-pedagógicos e ideológicos, bem como à afirmação da enfermeira na Bahia. **Descritores:** Enfermagem; História da Enfermagem; História Oral de Vida.

ABSTRACT

Objective: To describe biographical aspects of Maria José de Oliveira, to analyze her life trajectory and to point out her contributions to the development of the Nursing School of the Federal University of

Bahia. **Methods:** This is a descriptive research, carried out through the analysis of the oral history of life reported by the biographed herself, from March to April 2015, and from primary sources belonging to the Memory Nucleus of the Nursing School. **Results:** The life trajectory of Maria José de Oliveira revealed a woman with professional ethical training, who fought for the valorization of the image of the nurse and the Nursing School of Bahia. As a director she contributed to the integration of teaching and assistance and achievement of the school's administrative and financial independence. She stood out as the first graduate to preside over ABEn-section Ba and to coordinate the residency of the School of Nursing, representing the new generation of upper-level nurses from Bahia. **Conclusion:** Their professional commitment and struggle for nursing lead to an understanding of the Nursing School's conformation, in its political-pedagogical and ideological aspects, as well as to the affirmation of the nurse in Bahia. **Descriptors:** Nursing; History of Nursing; Oral History of Life.

RESUMEN

Objetivo: Describir aspectos biográficos de Maria José de Oliveira, analizar su trayectoria de vida y marcar sus contribuciones para el desenvolvimiento de la Escuela de Enfermería de la Universidade Federal de Bahia. **Métodos:** Se trata de pesquisa descritiva, realizada por medio del análisis de la historia oral de vida relatada por la propia biografiada, en el período de marzo a abril de 2015, y de fuentes primarias pertenecientes al Núcleo de Memoria de la Escuela de Enfermería. **Resultados:** La trayectoria de vida de Maria José de Oliveira reveló una mujer con formación profesional ética, que luchó por la valorización de la imagen de la enfermera y de la Escuela de Enfermería de Bahia. Como directora contribuyó para la integración docente asistencial y conquista de la independencia administrativa financiera de la escuela. Se destacó como primera egresa a presidir ABEn-sección Ba y a coordinar la residencia de la Escuela de Enfermería, representando la nueva generación de enfermeras baianas de nivel superior. **Conclusión:** Su comprometimiento profesional y lucha en favor de la enfermería llevan a la comprensión de la conformación de la Escuela de Enfermería, en sus aspectos político-pedagógicos e ideológicos, bien como a la afirmación de enfermera en Bahia. **Descriptor:** Enfermería; Historia de La Enfermería; Historia Oral de Vida.



Fonte: acervo pessoal de Maria José de Oliveira. Reprodução autorizada por Maria José de Oliveira.

Figura 1 – Maria José de Oliveira em sua formatura, em 1950.

INTRODUÇÃO

O dia 12 de março de 2017 marcou os 70 anos da aula inaugural da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (EEUFBA) e, também, a institucionalização da Enfermagem Moderna no Estado, seu desenvolvimento e reconhecimento pela sociedade baiana, como profissão de nível superior. Nesse contexto, Maria José de Oliveira, formada em 9 de dezembro de 1950⁽¹⁾, foi aluna da primeira turma da EEUFBA e dedicou 39 anos de sua história de vida à profissão e à Escola de Enfermagem, contribuindo de forma singular para a construção de ambas.

Pertencente a uma época em que a emancipação da mulher ganhava significado, com conquistas no espaço público, na escolarização e na ocupação do mercado de trabalho⁽²⁾, Maria José era detentora de ideais que a levaram a buscar espaço nessa nova condição feminina. Sua dedicação e comprometimento com a EEUFBA ocorreram mediante sua atuação como professora, vice-diretora e diretora da escola. Ocupou ainda as posições de Chefe de Enfermagem do Hospital das Clínicas e do Serviço Médico Universitário, além de presidente da Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn) – Seção Bahia. Os cargos ocupados a destacaram como liderança com características pessoais, culturais e profissionais reconhecidas por seus pares.

Nesse contexto, a motivação pelo estudo da história de vida de Maria José de Oliveira surgiu da inquietação em conhecer a trajetória de mulheres que participaram e atuaram diretamente na profissão da enfermagem, contribuíram para seu desenvolvimento e lutaram por mudanças com implicações na assistência, educação, ensino e/ou pesquisa. Essa discussão contemporânea da história da enfermagem permite o debate sobre a identidade da profissão na sociedade, inclusive aos estudiosos de áreas afins, pois as pesquisas históricas de atores sociais na enfermagem são utilizadas para compreensão de sua prática e identidade⁽³⁾.

A importância do estudo fundamenta-se no fato de que a enfermeira Maria José é considerada figura representativa por seu grupo social e pela enfermagem baiana à época, tendo se destacado em sua profissão. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo descrever aspectos biográficos de Maria José de Oliveira, analisar sua trajetória de vida e assinalar suas contribuições para o desenvolvimento da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia.

MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa descritiva, histórica, de abordagem qualitativa, que utilizou o método da história oral de vida, pois entende-se que, por meio dela, é possível compreender o sujeito como um indivíduo único e singular em nossa história. A história oral traz para o presente a postura do sujeito com relação à história e às configurações socioculturais, privilegiando “a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu”⁽⁴⁾. Diante disso, a presente pesquisa não buscou a verdade sobre Maria José de Oliveira, mas compreender o presente por meio da análise do passado de sua trajetória de vida, sem justificá-la nem condená-la⁽⁵⁾.

Os dados foram obtidos por meio de entrevistas realizadas com Maria José, em sua residência, no período de março a abril de 2015, direcionadas por um roteiro semiestruturado previamente elaborado, contendo questões que nortearam a construção da narrativa.

Primeiramente, a colaboradora foi orientada quanto aos objetivos do estudo e que este estava vinculado ao projeto de pesquisa intitulado Militância Política de Enfermeiras no Estado da Bahia, aprovado em Comitê de Ética em Pesquisa da EEUFBA, sob parecer nº 663.359. Após os esclarecimentos e o aceite da entrevistada, solicitou-se a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A coleta ocorreu em três momentos distintos (19 e 30 de março de 2015 e 24 de abril do mesmo ano). Cada entrevista teve duração aproximada de duas horas, respeitando a relação estabelecida entre entrevistador e entrevistada, e as circunstâncias particulares da colaboradora no momento da coleta. Cada um dos momentos permitiu aprofundar o diálogo e refletir sobre o passado⁽⁴⁾.

Além disso, as entrevistas foram filmadas, com o propósito de constituir arquivos especializados em fontes orais, que podem possibilitar a outros pesquisadores o estudo de tempos vividos⁽⁶⁾. Em seguida, foram editados os trechos com os quais a colaboradora não concordou incluir após a revisão das gravações. A filmagem permitiu a análise de comportamentos verbais e não verbais da entrevistada,

aspecto que possibilitou ampliar a observação e a descrição dos dados, assim como a formulação de novas perguntas e respostas que atendessem aos objetivos traçados⁽⁶⁻⁷⁾.

As fontes orais obtidas foram transcritas, transcriadas e submetidas à entrevistada, para que as conferisse, validasse e expressasse seu consentimento por meio da assinatura do Termo de Transferência de Direitos Autorais, o qual forneceu respaldo legal para trabalhar com o material coletado⁽⁶⁾.

Foram ainda utilizadas fontes primárias, como ofícios, relatórios, atas, jornais, regimentos e fotografias pertencentes ao acervo pessoal da colaboradora e ao Núcleo de Memória da Escola de Enfermagem (NUMEE), assim como leitura de outras fontes documentais e bibliográficas: dissertações, teses, livros e artigos publicados em periódicos científicos.

Para o desenvolvimento do desenho metodológico, projetou-se a triangulação dos dados, analisando-os pela técnica de Análise de Conteúdo Temática. Os dados coletados foram organizados em dois eixos temáticos, direcionadores da análise: Origens – de Jequié a Salvador: Construção da Identidade Social; e a Trajetória na Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia. A utilização do tema como unidade de análise possibilitou incorporar o “aspecto pessoal atribuído pelo respondente acerca do significado de uma palavra e/ou sobre as conotações atribuídas de um conceito”⁽⁸⁾.

Em cada eixo temático, emergiram Unidades de Contexto e Unidades de Registro. As primeiras imprimem significado às unidades de análise, consideradas “pano de fundo” para compreensão das Unidades de Registro, as menores partes do conteúdo e que expressam o real significado do contexto⁽⁸⁾. Definidas as Unidades de Contexto e de Registro, estas foram aglutinadas conforme a proximidade de seus significados, e as categorias a serem discutidas em cada eixo temático foram listadas, considerando a conjuntura histórica da época.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De Jequié a Salvador: Construção da Identidade Social

Maria José de Oliveira nasceu em 16 de janeiro de 1919, no município de Jequié (BA), no mesmo dia em que faleceu o então presidente eleito Francisco de Paula Rodrigues. Naquele período, o país passava por profundas transformações políticas e sociais decorrentes da aceleração do crescimento industrial. Eram grandes o descaso dos governantes com a população e a corrupção política. Além disso, as condições de vida e trabalho da classe operária eram péssimas. A defesa a favor de mudanças no sistema educacional e “garantias de saúde e habitação para os operários, salário mínimo para todos os trabalhadores e proteção para a mulher que trabalha”⁽⁹⁾ foram temas frequentes das pregações políticas de Ruy Barbosa como cogentes para atender às necessidades do país⁽¹⁰⁾.

Alguns anos depois, tais discussões se intensificaram diante das precárias condições sanitárias da população brasileira, em um contexto de ausência de intervenções políticas, o que levou o Estado a assumir as questões de saúde como uma de suas atribuições. Assim, a saúde pública adquiria uma nova dimensão, o que tornou primordial o ensino da Enfermagem Moderna para a formação de uma qualificada força de trabalho em saúde, capaz de contribuir com a redução dos índices de mortalidade infantil e amenizar o estado precário de higiene que assolava o período⁽¹¹⁻¹²⁾.

Nesse contexto, Maria José consolidava seu desempenho intelectual em Jequié, cidade do interior da Bahia marcada por protagonizar episódios importantes na história estadual no início da década de 1910. Foi cenário da disputa política entre os governos estadual e federal, decorrente da decisão inusitada do então Presidente da Assembleia Legislativa do Estado, Aurélio Viana Rodrigues, que, ao assumir o governo, em 1911, após a renúncia do governador Araújo Pinho, transferiu a capital da Bahia para Jequié, juntamente com os Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário. A imediata reação do Governo resultou no bombardeio à cidade de Salvador, dando início ao incêndio que destruiu a Biblioteca Pública da Bahia (1811), detentora de um acervo de obras raras, jornais e documentos baianos⁽⁹⁾.

Maria José era filha única do casal Zulmira Paixão Oliveira e Deutiride Santos Oliveira. Sua mãe ficou viúva ainda durante a gestação, aos 25 anos, após o falecimento precoce de seu pai, com 31 anos de idade, vítima de um mal-estar súbito. Após a viuvez, Dona Zulmira não quis casar-se novamente, pois receava que um novo companheiro não desempenhasse o papel de pai que ela desejava à sua filha, e resolveu criá-la com o apoio da família.

Descendente de um núcleo familiar pequeno, Maria José foi a primeira filha, a primeira neta e a primeira sobrinha, obtendo muita atenção de todos com quem convivia. Segundo ela:

[...] fui muito dengada pela família... Durante toda a minha vida eu fui assim... recebi carinho de todos os lados. (Maria José de Oliveira)



Fonte: acervo pessoal de Maria José Oliveira. Reprodução autorizada por Maria José de Oliveira.

Figura 2 – Maria José Oliveira com aproximadamente cinco anos de idade, em fotografia oferecida como lembrança à sua tia materna. Jequié (BA), Brasil.

Os valores atribuídos à mulher no início do século XX, pós-Revolução Industrial, restringiam-se à esfera doméstica, à procriação e aos cuidados da casa e dos filhos, sendo a educação considerada importante apenas para o exercício do papel de mãe. A formação de mulheres em profissões de nível superior ainda era recente e caminhava a passos lentos, pois o trabalho feminino remunerado, qualificado e fora do lar era considerado um agente desorganizador da família e capaz de restringir o espaço do homem no mercado de trabalho⁽¹³⁾.

Entretanto, a dedicação e a sensibilidade de Dona Zulmira, despida desses conceitos, possibilitaram à jovem Maria José trilhar o caminho por ela escolhido. Não descendia de família tradicionalmente rica e influente na cidade de Jequié, mas tinha condições de obter um ensino de qualidade. Dona Zulmira tinha posses (casas alugadas) que geravam renda para que pudessem viver sem grandes preocupações financeiras.

A formação familiar e escolar de Maria José se deu por muito tempo no interior da Bahia. Aos cinco anos de idade iniciou os estudos em uma escola pública, orientada pela professora Maria Écia de Menezes, visto que, na cidade, à época, ainda não havia escolas particulares. Pouco tempo depois, transferiu-se para a escola Professora Faraildes Santos, atual Colégio Estadual Faraildes Santos, onde concluiu o curso primário, correspondendo atualmente ao Ensino Fundamental I.

Em 1935 foi inaugurado o Ginásio de Jequié, o primeiro da cidade e pioneiro no ensino secundário⁽¹⁴⁾, atual Ensino Fundamental II. A ela fora concedida uma bolsa, por seu padrinho João Braga, um dos fundadores da instituição de ensino. No ginásio, Maria José concluiu o ensino normal, curso profissionalizante do Ensino Médio à época, e estudou disciplinas de inglês e francês. Nesse sentido, percebe-se que as articulações políticas e as relações sociais construídas ao longo dos anos foram contribuintes para sua formação.

Aos 15 anos, indicada pelo juiz de Direito de cidade, Dr. Mário Lins, amigo de sua avó materna, Liberata dos Santos Paixão, Maria José passou a trabalhar na prefeitura da cidade, tendo sido encaminhada para um cargo administrativo de datilógrafa, entretanto não se conformava com a limitação que tal cargo técnico lhe impunha. Ela se sentia intelectualmente capaz de exercer outras atividades e passou também a redigir documentos administrativos.

Me mandou dizendo que era para eu escrever na máquina! Mas eu nem escrevia direito! Eu batia tudo errado, jogava os papéis fora e ficava um monte de papel lá! Eu disse: “não gosto de fazer isso, não! Eu quero fazer outras coisas!”. Deram-me outra atividade para fazer, para redigir as coisas. Era o que eu gostava! Foi assim que eu comecei! (Maria José de Oliveira)

Após concluir o nível secundário em 1939⁽¹⁵⁾, dirigiu-se a Salvador com o intuito de prestar vestibular para Odontologia. Ficou hospedada por um período na casa de familiares do Diretor do Ginásio em que estudara em Jequié, sogro do professor Trípoli Francisco Gaudenzi – o responsável por lhe apresentar a Escola de Enfermagem.

Nesse período, primeira metade do século XX, o trabalho feminino era reconhecido quando desempenhado por mulheres solteiras e se “estivesse relacionado a profissões que exigiam qualidades consideradas inatas às mulheres (parteira, professora primária, enfermeira) ou voltadas para a clientela feminina e infantil (Medicina, Odontologia)”⁽¹³⁾. As mulheres vislumbravam um novo panorama no mundo do trabalho. A urbanização e a evolução industrial propiciaram a participação do universo feminino para além das fronteiras domésticas, e a enfermagem moderna representava um “marco na luta contra a influência da dominação masculina na vida social da mulher”^(16:173).

Maria José sempre desejou cursar Odontologia, mas foi convencida por Dr. Trípoli a estudar Enfermagem, pois, segundo ele, já existiam muitos dentistas na Bahia e o “novo” curso de Enfermagem seria uma oportunidade de trilhar novos caminhos. O professor da Faculdade de Medicina da Bahia tinha sido apresentado, junto aos demais docentes da Escola de Medicina, pelo Dr. Edgard Santos à Diretora da Escola de Enfermagem, para que ela pudesse falar sobre o novo curso, a fundação da escola, os objetivos e o que iria desenvolver em relação à Medicina na Bahia. Entusiasmado com a descrição de Haydée Guanais Dourado sobre o curso de Enfermagem e seus objetivos, Dr. Trípoli orientou Maria José a procurá-la, para ouvir um pouco sobre a “nova” profissão que ela não conhecia.

Aí me encaminhei para conversar com Dona Haydée. Eu disse à Dona Haydée que eu não conhecia a Enfermagem, que eu queria fazer Odontologia, mas que Trípoli estava me encaminhando para a Escola de Enfermagem e eu gostaria que ela me dissesse alguma coisa sobre essa profissão, da qual eu nunca tinha ouvido falar. Então, Dona Haydée, do jeito que ela era, me falou sobre a Enfermagem, sobre a fundação da escola, a ligação dela com o doutor Edgard [...] E me convenceu! Eu fiquei tão encantada com o que ela me falou que na mesma hora eu desisti de Odontologia e resolvi fazer Enfermagem. (Maria José de Oliveira)

Atendendo a critérios para a escolha das alunas que comporiam a primeira turma da EEUFBA, Maria José submeteu-se a um processo seletivo realizado sob supervisão da diretora e da vice-diretora da Escola. A primeira turma deveria ser o espelho da Enfermagem na Bahia; para isso, era preciso rigor ao selecionar o grupo que representaria a moderna profissão. Assim, Maria José foi submetida à entrevista e à redação de um texto que retratasse sua história de vida.

Era uma redação. Tudo escrito! Entregávamos à Dona Haydée e ela avaliava. Foram 20 candidatas do grupo que se apresentaram. Dez foram escolhidas e no final dez não! Dez foram escolhidas e, das matriculadas, oito se apresentaram na escola. [...] fazíamos a entrevista e depois pediam para fazermos uma redação. Nós entregamos as duas coisas. Eram muito exigentes! (Maria José de Oliveira)

Ressalta-se que a realidade social do Brasil na década de 1940 elitizava o trabalho da enfermeira, critério exigido para o credenciamento em escolas equiparadas ao modelo proposto pelas estadunidenses ao implantarem a Escola de Enfermagem Anna Nery. A Enfermagem Moderna restringia o número de profissionais com o intuito de atrair mulheres “mais preparadas, oriundas de classe média, uma vez que o contingente existente era considerado ignorante”⁽¹⁷⁾.

A primeira aula, no dia 12 de março de 1947, ministrada por Haydée Guanais Dourado, foi sobre Ética e História da Enfermagem. Na oportunidade, o pequeno grupo de oito estudantes elegeu a representante

da classe e do Diretório Acadêmico, Julieta Calmon Villas Boas, tendo como Secretária Maria Ivete Ribeiro de Oliveira e sua primeira tesoureira, Maria José de Oliveira. Segundo Maria José, o objetivo inicial do diretório era discutir interesses comuns das alunas, para levá-los posteriormente à diretora.

Naquele período, aos 28 anos de idade, Maria José trabalhava na Secretaria de Saúde do Estado, emprego oferecido pelo interventor do Estado da Bahia, Juracy Magalhães. No entanto, teve que abandoná-lo, visto que não teria como conciliá-lo com o curso de Enfermagem. Evidenciavam-se, no momento, sua dedicação, seu compromisso e sua postura ética para com a profissão que escolhera.

Tendo em vista a necessidade de custeio em Salvador, sua colega de turma Julieta Calmon Villas Boas pleiteou com Dona Margarida Costa Pinto uma bolsa de estudos para a Escola de Enfermagem, tendo-lhe sido concedida a primeira bolsa de estudos da EEUFBA.

Em sua trajetória acadêmica, Maria José presenciou a saída de Haydée Guanais da Escola de Enfermagem após os vários enfrentamentos vividos com o reitor Edgard Santos. Aprendeu com sua diretora a importância da valorização do trabalho da enfermeira para o reconhecimento profissional. Tal visão a levou a apresentar à sociedade baiana uma geração de enfermeiras com nível superior e a garantir a integração docente-assistencial. Após a saída de Haydée da escola e das professoras que foram solidárias a ela, Jandira Coelho, a nova diretora, foi aguardada por aproximadamente 15 dias. Aquele foi um momento de muito pesar entre as alunas, pois Haydée Guanais era admirada por todas.

[...] a Enfermagem toda na Bahia, todos os dias eu digo, deve a Haydée Guanais Dourado! Foi quem botou firme! Quem desenvolveu a turma de 1950, de 1951, de 1952, de 1953... Tudo dependeu de Haydée! As outras (diretoras) foram diluindo e levando a coisa! (Maria José de Oliveira)

Nesse sentido, buscando manter o alto padrão da escola e o espírito de união deixado por Haydée e por suas antigas professoras, o corpo discente trabalhou para “continuarem a construir o futuro, para manterem o espírito que nossas professoras nos deixaram e mantermos bem alto o padrão da Escola”⁽¹⁸⁾.

Em 26 de novembro de 1949, Maria José dirigiu-se para a Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EEUSP) para cumprir os estágios que não tinham campos de prática na Bahia. Durante a viagem, ela passou pela capital do País, Rio de Janeiro, para participar do III Congresso Nacional de Enfermagem, que versou sobre a Enfermagem em saúde pública, a organização da Enfermagem no âmbito internacional, o currículo mínimo e a regulamentação da lei 775/49, no qual a Escola de Enfermagem Anna Nery já não era mais referenciada como Escola Oficial Padrão⁽¹⁹⁾.

Ao chegar à EEUSP, passou a morar na residência da Escola de Enfermagem com as demais colegas paulistas. Implantada com o surgimento da Enfermagem Moderna no século XIX, a residência era uma forma de educação integral e seria também implantada na Escola da Bahia, em vias de inauguração. Em sua passagem pela EEUSP, Maria José realizou os estágios de especialidades (psiquiatria, neurologia, obstetrícia e moléstias contagiosas) e Saúde Pública, em São Paulo e no interior do estado (figura 3).

Ao retornar de São Paulo, em 18 de novembro de 1950, na companhia de sua colega de classe, Julieta Calmon, ela aguardava ansiosamente o dia da formatura, que aconteceria em 9 de dezembro do mesmo ano, data em que também seria inaugurada a Escola de Enfermagem e se encerraria o IV Congresso Nacional de Enfermagem, com o tema: Trabalhem para Fortalecer a Enfermagem nas Américas. No congresso na Bahia, foram discutidos “os desdobramentos da nova lei 775/49; o surgimento das especialidades; a organização da enfermagem em nível internacional e o programa de cooperação Brasil-EUA”⁽²⁰⁾. Nele, estiveram presentes participantes estrangeiros, como a vice-presidente e a secretária da Associação Internacional de Enfermeiras.

Na colação de grau, compuseram a mesa o Ministro da Educação e Saúde, Pedro Calmon (tio da oradora da turma, Julieta Calmon Villas Boas); o Dr. Adriano Pondé, paraninfo da turma; o Sr. Arcebispo Primaz do Brasil, D. Augusto Álvaro da Silva; e o representante do Governo do Estado⁽¹⁸⁾.

A escolha do professor Adriano Pondé para paraninfo ocorreu após a recusa de Haydée Guanais ao convite feito por suas ex-alunas.

Nós queríamos a Dona Haydée para ser a nossa paraninfa. Mas a Dona Haydée fez uma carta dizendo que não podia aceitar nossa escolha porque o Dr. Edgard não levaria a bom nós sermos representadas por ela como paraninfa. E que isso poderia prejudicar a nossa convivência com o reitor. Ela nos enviou uma lista de nomes, mas nós escolhemos o Dr. Adriano Pondé como nosso paraninfo. (Maria José de Oliveira)



Fonte: acervo pessoal de Maria José de Oliveira. Reprodução autorizada por Maria José de Oliveira.

Figura 3 – Estágio de Saúde Pública Rural. Da direita para a esquerda: Luci, Maria José de Oliveira, Zélia e Doroty. Araraquara (SP), Brasil, maio de 1950.

Apesar de Haydée não ter aceitado a solicitação da primeira turma que selecionara para representar a enfermagem na Bahia, ela esteve presente na solenidade. Ressalta-se que veio a Salvador como congressista no IV Congresso Nacional de Enfermagem. A presença de Haydée na colação de grau demonstrou sua integridade e determinação e, ao mesmo tempo, a relação de respeito e preservação das suas ex-alunas, reafirmando a personalidade em que Maria José e suas colegas se espelharam.

Em 16 de dezembro de 1950, Maria José tomou posse do cargo de professora da EEUFBA e Enfermeira da Clínica Médica do Hospital das Clínicas. Iniciaria uma história de dedicação à profissão e à EEUFBA.

A Trajetória na Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia

Diplomada em 9 de dezembro de 1950, Maria José foi nomeada professora da Escola de Enfermagem e enfermeira da Clínica Médica do Hospital das Clínicas uma semana após sua formatura. O trabalho como enfermeira teve início com o desafio de valorização da imagem profissional, pois a profissão ainda era pouco conhecida não apenas pela sociedade, mas pelos médicos que trabalhavam no Hospital das Clínicas e na Escola de Medicina.

Logo após atuar na Clínica Médica do Hospital das Clínicas, ela assumiu a coordenação do Ambulatório de Ginecologia. Ao se apresentar para o serviço, foi hostilizada pelo professor Alício Peltier de Queiroz, que não acreditava que seu trabalho seria mais qualificado, do ponto de vista técnico e científico, que o de sua funcionária sem formação superior, a qual o acompanhava em suas consultas no interior do estado. Entretanto, Maria José, em menos de um mês de serviço, demonstrou a qualidade da nova profissão que surgia. O propósito vislumbrado por Haydée Guanais era atingido.

Eu fui a primeira professora da Escola de Enfermagem nomeada! A professora indicou. Não sei se foi Anyde ou Jandira que apresentou meu nome ao Doutor Edgard e ele logo me nomeou. Fui trabalhar no hospital. Entrei logo na primeira semana. Primeiro na Clínica Médica, depois fui para a Ginecologia!

(risos) Quando eu cheguei na ginecologia foi interessante: me apresentei ao professor Alício e ele disse assim: “Vamos ver o seu trabalho, porque até hoje a melhor enfermeira que eu tive foi dona Antônia!”. Sabe quem era Antônia? Uma servente! (risos) [...] Então, ele nos comparou à servente que trabalhava com ele no ambulatório em Itabuna e no Hospital das Clínicas. Ele disse: “até hoje, a melhor enfermeira que eu tive foi essa!”. Quando eu comecei a trabalhar, dentro de um mês ele começou a respeitar o meu trabalho, passou a me valorizar. (Maria José de Oliveira)

A postura adotada pelo Dr. Alício reafirmava a visão estereotipada do trabalho exercido pelas “enfermeiras” à época. Apesar do movimento de expansão das escolas de enfermagem no país para atender a uma necessidade sanitária e à conseqüente organização de novos hospitais e reorganização dos hospitais públicos, a enfermagem na Bahia era uma profissão emergente e desconhecida pela sociedade baiana. O cuidado de enfermagem prestado nos hospitais da capital (Hospital de Pronto-Socorro - 1932, Hospital Santa Izabel da Santa Casa de Misericórdia - 1893, Hospital Santa Terezinha, Hospital Militar, Hospital da Marinha, Hospital dos Lázaros, Hospital Espanhol) era, majoritariamente, realizado por freiras ou mulheres marginalizadas pela sociedade, as quais não estavam capacitadas para o serviço⁽²¹⁾.

No imaginário social, a prática da enfermagem ainda era considerada “como extensão do trabalho doméstico de obrigação feminina”, subalterno às decisões médicas^(22,99). Durante a sua infância, Maria José ouvia sua mãe relatar que seu avô paterno (médico) levava para ajudá-lo em seu consultório as empregadas da fazenda que ele considerava com habilidades para o cuidado, chamando-as de “enfermeiras”. Conforme determinou sua postura no ambulatório de ginecologia, tais fatos não interferiram nas suas escolhas nem na luta pela valorização de sua profissão.

Nesse contexto, as alunas da primeira turma formada pela EEUFBA traziam uma nova visão da enfermagem para a Bahia. Havia preocupação e cuidado com a imagem da enfermeira, sendo necessário divulgá-la para a sociedade como profissão de nível superior, com competência técnica e científica^(1,23). Essas primeiras enfermeiras foram reconhecidas por seu trabalho e, a partir de então, a sociedade baiana passou a se interessar pela profissão e pelo curso de Enfermagem da UFBA.

O desempenho e o comprometimento profissional de Maria José a levaram, em julho de 1951, com o afastamento voluntário da professora Alvina Arruda Cruz, a assumir a Chefia do Serviço de Enfermagem do Hospital das Clínicas, sendo, portanto, a terceira Chefe de Enfermagem desse hospital⁽¹⁾ e a primeira Chefe de Enfermagem baiana, formada pela EEUFBA, permanecendo no cargo até 1953.

Naquele período, a diretora da escola, Anayde Corrêa de Carvalho, definiu como objetivos de sua gestão a melhoria das condições de ensino, o incentivo das supervisoras ao estudo, o progresso intelectual das alunas e o esforço em debater entre as professoras e enfermeiras temas de ambas as instituições, destinando as reuniões a estudos clínicos e análise dos problemas hospitalares⁽¹⁾. A necessidade de aperfeiçoamento dos auxiliares de enfermagem era um assunto também discutido nessas reuniões, o que levou à elaboração de um projeto de capacitação desses profissionais que fora enviado ao reitor. Maria José, na condição de Chefe de Enfermagem do Hospital, “providenciou um treinamento em serviço destinado às atendentes, visando melhorar a qualidade do atendimento prestado”⁽¹⁾.

Eu sempre me preocupei com o estudo! Então, eu fazia um cursinho com os professores de lá mesmo. Os médicos de lá davam aulas para os atendentes, depois davam aulas até para os pacientes. Por exemplo, paciente de ginecologia, paciente de pediatria... Sempre fazia um programa pequeno, mas aplicado à necessidade do serviço. (Maria José de Oliveira)

Durante o período, no início de 1952, Anayde Corrêa de Carvalho solicitou o seu afastamento da EEUFBA e retornou para São Paulo. A enfermeira Nilza Marques Maurício Garcia, também formada pela primeira turma, assumiu a direção da escola, tendo Maria José como vice-diretora⁽¹⁾.

Concomitantemente ao cargo de vice-diretora, Maria José foi eleita presidente da ABEn-BA (1952-1954), tornando-se a primeira egressa da Escola de Enfermagem a presidir a Associação de Classe da Bahia. A sede da associação funcionava em uma sala da escola, e as ações e os trabalhos por ela desenvolvidos voltavam-se para a integração docente-assistencial e projetavam-se em um período que as enfermeiras baianas compreendiam a importância da participação na entidade de classe, para que esta fosse representativa e respeitada⁽²³⁾. A articulação ensino-serviço demonstrava a visão estratégica de Maria José em aperfeiçoar as atividades do Hospital das Clínicas envolvendo a EEUFBA.

Na década de 1950, a ABEn-BA teve momentos de 100% de adesão de cerca de 300 enfermeiras que havia no estado⁽²³⁾. O nascimento da associação na Escola de Enfermagem, oficializada em 12 de maio de 1948, e a presidência exercida até aquele momento por suas docentes aproximavam os interesses de ambas as instituições. Nessa posição, Maria José desenvolveu atividades de educação permanente, por meio da oferta de cursos de atualização para os profissionais de enfermagem (atendentes de enfermagem e enfermeiras).

A ABEn me deu uma visão maior da aceitação da profissão. Um interesse maior em desenvolver a educação, que sempre foi o meu objetivo – ver a enfermagem dentro da educação. E a ABEn me deu essa oportunidade de criar cursos pequenos, mas valiosos. Não só para as enfermeiras como para as atendentes de enfermagem. Fizemos cursinhos para os hospitais através da associação. (Maria José de Oliveira)

A ênfase na educação foi uma das prioridades durante a gestão de Maria José na ABEn-BA. Tais ações corroboravam o que se discutia na conjuntura histórica da época. A melhoria da qualidade da assistência de enfermagem era a principal motivação para que a ABEn-BA se empenhasse no desenvolvimento de atividades de cunho científico, cultural, político e social, a fim de sustentar, com o apoio de seus construtores, sua história de luta em prol da profissão de enfermagem⁽²³⁾.

Desse modo, evidencia-se a ABEn não apenas como espaço que possibilitou a Maria José a articulação ensino-serviço, mas de formação política para a luta coletiva, permitindo a ela ampliar a visão do papel de enfermeira na sociedade. A educação, a formação do pessoal de enfermagem, a administração em enfermagem foram temas bastante debatidos à época, com participação ativa das diretorias, comissões permanentes e seções estaduais da ABEn⁽²⁴⁾, reafirmando a contribuição da associação para o ensino de Enfermagem no Brasil.

A ABEn, que foi, por quase 50 anos, a “única entidade representativa dos enfermeiros em nível nacional, além de desempenhar suas atividades eminentemente culturais, vinha ela procurando exercer também um papel disciplinador do exercício profissional e agir em defesa da classe”^(24:47). Maria José demonstra em seu discurso o apoio dado pela entidade no desenvolvimento de capacitações e participações em congressos, a fim de proporcionar a melhoria da qualidade da assistência de enfermagem prestada.

Fundou um curso de atualização para as atendentes de enfermagem com aulas de ética e rotinas de enfermagem, realizadas duas vezes por semana e ministradas por enfermeiras associadas, convidadas por ela. Buscava novos caminhos para a profissão e novas formas de desempenhá-la, através da educação.

Próximo ao término de sua gestão na ABEn-BA (1954), Maria José assumiu um novo desafio: a direção da EEUFBA. Nilza Garcia, aproveitando o apoio do Serviço Especial de Saúde Pública e da Fundação Rockefeller para se aperfeiçoar profissionalmente, comunicou, no dia 7 de junho de 1954, seu afastamento da direção da escola por ter obtido bolsa de estudos nos Estados Unidos, conferindo a Maria José de Oliveira o cargo de diretora⁽¹⁾. Na mesma data, o reitor Edgard Santos também se afastava da Universidade da Bahia (UBA) para atender à convocação do presidente Getúlio Vargas para assumir o recém-criado Ministério da Educação e Cultura⁽²⁵⁾.

Destaca-se que, naquele período, a instituição, criada pelo Decreto-Lei nº 9.155, de 8 de abril de 1946, e resultante da aglutinação da Faculdade de Medicina e escolas anexas de Farmácia e Odontologia, da Faculdade de Direito, da Escola Politécnica, da Faculdade de Ciências Econômicas e da Faculdade de Filosofia, era ainda chamada de Universidade da Bahia, quando foi federalizada em 1965, passando a ser denominada Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Compreendendo a dimensão do papel que assumira e diante da dificuldade em atuar simultaneamente nas duas funções (chefe de Enfermagem do Hospital das Clínicas e diretora da Escola de Enfermagem), Maria José afastou-se do Hospital das Clínicas. Entretanto, não poderia o hospital desligar-se da escola, visto que um dos propósitos da construção do currículo de Enfermagem era o desenvolvimento do modelo de integração docente-assistencial. Para isso, empossada como Diretora, Maria José contratou uma ex-aluna para assumir o cargo no Hospital das Clínicas.

Todavia, o cenário político à época não favorecia essa tomada de decisão, o final da Era Vargas. Apesar das ligações pessoais, políticas e ideológicas entre o reitor Edgard Santos com Antônio Balbino, então Governador da Bahia, e Juracy Magalhães, que favoreciam a oportunidade de crescimento e firmamento da UBA como unidade modelo de ensino superior⁽²⁵⁾, a fragilidade política e as pressões

sofridas pelo Presidente da República eram intensas. Naquele momento, não havia qualquer norma de seleção do pessoal docente na EEUFBA⁽¹⁾. Entretanto, Maria José contratou, sob sua responsabilidade, a aluna Hyêda Maria da Gama Rigaud, para assumir o cargo no hospital, sem o consentimento do reitor, por inferir que seria muito difícil atender aos interesses de ambas as instituições.

Houve uma época, quando eu assumi a direção da escola e ainda era chefe da ginecologia do Hospital das Clínicas, que ficou muito difícil atender aos interesses da direção e do hospital. Então, nesse período, teve uma aluna que ia trabalhar no hospital, mas o hospital não podia aceitar. E eu convidei essa menina (Hyêda Rigaud) para me substituir na ginecologia. Mas eu não devia ter feito isso! Sabe por quê? Eu sabia que não tínhamos mais verba para contratar professora! Mas de qualquer modo eu contratei essa menina. [...] Admiti uma professora mesmo sabendo que não tínhamos verba. E sabe o que foi que o Dr. Edgar me disse? “Você está parecendo irmã Dulce! Fazendo as coisas, socorrendo as pessoas por conta própria! Mas não tem problema. Pode colocar essa moça que eu vou admitir mais uma professora. Vou providenciar verba para mais uma”. Aí admitiu Hyêda. (Maria José de Oliveira)

A situação exposta revela o comprometimento profissional e a relevância da proposta da integração docente-assistencial para a escola, além do prestígio diante do reitor. As relações sociais construídas ao longo dos anos com pessoas influentes da sociedade jequiense e soteropolitana designaram seu posicionamento político e sua identidade social. Por conseguinte, sua construção realizou-se no interior de contextos sociais que determinaram sua maneira de agir e sua posição diante dos desafios enfrentados; por isso mesmo, orientou suas representações e suas escolhas⁽²⁶⁾.

Destaca-se que, naquele período, Edgard Santos, apesar de estar à frente da pasta do Ministério da Educação e Cultura, não abriu mão de seu reitorado – uma das condições impostas ao presidente para que pudesse assumir o Ministério⁽²⁷⁾. Durante os 80 dias em que esteve no cargo (de 7 de junho a 24 de agosto de 1954), assumiu, como reitor em exercício, o professor de Direito, Orlando Gomes. Este era, para Roberto Santos, o “mais constante e leal dos companheiros de meu pai, nas lutas pela implantação da mentalidade universitária em nosso meio”⁽²⁷⁾. Orlando Gomes tornou-se também grande amigo e colaborador de Maria José durante sua primeira gestão como diretora da Escola de Enfermagem.

Dr. Edgard foi nomeado ministro. Então, ficou eu como diretora da Escola e Dr. Orlando Gomes reitor. Ficamos seis meses. Vivemos um relacionamento muito bom! Dr. Orlando se tornou um grande amigo! Eu aprendi muito com ele! (Maria José de Oliveira)

Durante sua primeira gestão, com o apoio do reitor Edgard Santos, Maria José contribuiu de maneira informal para o que, posteriormente, acarretaria a desanexação da Escola de Enfermagem da Faculdade de Medicina. A filosofia adotada por Haydée Guanais Dourado, que discordava da criação de uma Escola de Enfermagem e de Serviço Social anexas à Faculdade de Medicina, influenciou sua luta pela independência administrativo-financeira da escola. Na função de diretora, solicitou ao reitor autonomia para compra e assinatura dos empenhos de materiais necessários ao desenvolvimento das atividades da EEUFBA.

Não era mesmo anexada e dependia da Escola de Medicina. [...] O diretor da Escola de Medicina, que naquela época era o Dr. Hosanah Oliveira, era quem autorizava as compras da Escola de Enfermagem. Sem o visto dele eu não poderia comprar coisa alguma! [...] atrasava. Queríamos comprar as coisas e demorava... Então, eu fui ao Dr. Edgard, em um dia de reunião com ele, e disse: “Dr. Edgard, eu não quero criar problema com o diretor da Escola de Medicina, mas eu acho que é ruim tanto para ele como para mim... Porque ele assina as coisas sem saber o que é que está sendo comprado e eu fico na dependência dele para liberar a compra do que a escola precisa. O senhor não pode fazer a troca? Dar autorização para a diretora da escola começar a assinar os empenhos?”. O Dr. Edgard disse assim: “olha, você bateu na tecla certa! Hosanah vem me dizendo todos os dias que quer se ver livre da Escola de Enfermagem, pois ele assina as coisas para comprar sem ele saber o que está comprando! Então eu direi a ele que chegou a hora de a gente separar!”. (Maria José de Oliveira)

A situação foi formalizada em 23 de maio de 1958, por meio do decreto 43.804. “A escola, enfim, poderia administrar seu próprio orçamento e ter vida própria”⁽¹⁾. Segundo Maria José, esse foi um dos seus maiores contributos à EEUFBA.

Maria José colaborou também para a divulgação da profissão no interior do estado. Foram realizados alguns passeios a cidades da região do semiárido baiano, como Paulo Afonso (figura 4) e Cipó, com o objetivo de apresentar a profissão emergente. Essas cidades, criadas em 1935 e 1948, respectivamente, caracterizavam-se pelo desenvolvimento da malha viária e pela construção de equipamentos públicos, com o intuito de urbanizar as cidades do interior e modificar o quadro rural que predominava na Bahia⁽²⁸⁾. Eram, portanto, cenários propícios para apresentar a Escola de Enfermagem da Bahia e o perfil de suas alunas.



Fonte: acervo do Núcleo de Memória da Escola de Enfermagem (NUMEE).

Figura 4 – Turma de 1954 em viagem a Paulo Afonso. Nessa foto identificam-se as professoras Eurides Rocha e Maria José de Oliveira (segunda e quinta a partir da esquerda, em pé) e suas alunas Alyde Vieira, Nilza Godinho, Tereza Rebouças, Tereza Libório, Eunice Marinho, Aliete Cardoso, Lucia Dultra, Clara Wolfvitch, Magnólia Dórea, Vera Lúcia Brito.

Com o retorno da professora Nilza Garcia à direção da EEUFBA, em agosto de 1955, a professora Maria José assumiu uma nova função: a de Coordenadora da Residência da Escola de Enfermagem – mais uma vez como pioneira nesse cargo. A residência seguia a orientação ideológica do modelo anglo-americano, de origem nightingaleana, a qual passou a ser uma determinação legal no Brasil, a partir da década de 1950, na fase expansionista das escolas de Enfermagem⁽²⁹⁾.

Em 1957, dirigiu-se para o estado de São Paulo, para se aperfeiçoar profissionalmente em um dos primeiros cursos de pós-graduação destinados ao preparo dos docentes das escolas de Enfermagem no país⁽³⁰⁾. Especializou-se em Administração de Unidades de Enfermagem Hospitalar na EEUSP e, ao retornar à Bahia, assumiu a disciplina de Administração e Cirurgia aplicada à Enfermagem (que já lecionava antes de se ausentar por um ano da escola). Posteriormente, trabalhou durante 11 anos como Coordenadora do Serviço Médico Universitário, controlado pelo professor Rubens Brasil Soares. Durante esse período, ficou afastada da Escola de Enfermagem e de suas atividades docentes.

O segundo momento de Maria José como diretora da EEUFBA foi marcado por relações de conflito com os pares. A Escola de Enfermagem encontrava-se em um período de efervescência política, decorrente da manifestação docente em resposta ao posicionamento do Governo Federal à escolha do novo reitorado. Em

1988, foi nomeado reitor o Professor Rogério Vargens, quinto colocado da lista sêxtupla, em lugar da professora Eliane Eliza Azevedo, eleita democraticamente pela comunidade universitária pela maioria dos votos⁽¹⁾.

A Escola de Enfermagem se colocou contra a decisão política adotada e às orientações do novo reitor. Tal fato levou Rogério Vargens a não indicar a diretora da lista sêxtupla, “não oferecendo condições de uma transmissão de ‘mandato’, caracterizando-se como uma solução de descontinuidade que interferiu de forma desfavorável na EE”⁽¹⁾. Diante da situação declarada, o reitor solicitou a Maria José que ocupasse o cargo de diretora; caso ela se recusasse, nomearia um funcionário administrativo ou um professor de outra escola.

O reitor chegou e me telefonou... Ele me disse: “olha, professora, eu mandei lhe chamar pelo seguinte: as professoras da escola estão fazendo uma greve contra mim! Ninguém quer aceitar ser diretora, enquanto eu não escolher! Como eu estou vivendo esse processo, é o seguinte: ou uma pessoa assume ou eu nomeio um funcionário da escola ou um professor de outra escola para assumir a direção da Escola de Enfermagem. O que a senhora vai resolver?”. Eu disse assim ao reitor: “[...] Então, professor! Eu não votei no senhor, mas a partir do momento em que o senhor foi eleito, eu lhe respeito como reitor! Eu não vou deixar a minha escola entregue para ser dirigida por um funcionário ou por um professor de outra escola! Nesse caso, se o senhor me garantir que dentro de 30 dias nomeia uma professora da lista, eu posso assumir este mês a escola”. Aí, ele disse: “então, a partir de agora a senhora será a diretora da Escola!”. (Maria José de Oliveira)

A atitude assumida por Maria José representou um confronto à posição político-ideológica adotada por seus pares. Entretanto, sua postura manteve-se firme, pautada nos valores morais e éticos construídos ao longo de sua trajetória de vida, na dedicação à profissão e à Escola de Enfermagem. Ocupou o cargo de diretora *pro tempore* por força da portaria 10/89 por 1 mês e 18 dias⁽¹⁾, até ser substituída pela professora Marisa Correia Hirata, em 19 de fevereiro de 1989.

Foi uma luta contra o reitor! Quando eu cheguei à escola, convidei o grupo de professoras para uma reunião, para participar daquela atitude que eu tomei. Ficaram contra mim! O grupo de professoras do outro departamento! O meu me apoiou! Mas o outro departamento queria que eu voltasse para entregar a escola! [...] Eu disse: “não sou criança! Eu fiz em situação de emergência! Combinei com o reitor que irei assumir a escola dentro de 30 dias, até que ele escolha a diretora! Mas se ele não escolher, eu vou entregar a direção a ele! Eu não vou voltar para entregar a escola porque eu não vou deixar a escola entregue a um funcionário ou a um professor de outra escola! Eu não vou entregar a direção da escola antes dos 30 dias como eu garanti ao reitor!”. Aí acabou e eu assumi. (Maria José de Oliveira)

No mesmo ano, em 4 de maio de 1989, Maria José se aposentou, encerrando seus 39 anos de dedicação e amor à EEUFBA.

Olha! Foi onde eu estudei, onde eu comecei minha vida profissional, onde eu me aposentei... Eu dei toda a minha vida profissional à Escola de Enfermagem por amor, carinho e profissionalismo. Foi onde eu pude ser professora, pude ser profissional. Então, a Escola de Enfermagem para mim é parte da minha vida! (Maria José de Oliveira)

CONCLUSÃO

A biografia de Maria José de Oliveira revela uma mulher com características pessoais e profissionais marcantes que a destacam como pioneira e pessoa de liderança no cenário vivido e nos cargos ocupados no decorrer de sua trajetória profissional. Foi a primeira professora da EEUFBA e a primeira Chefe de Enfermagem do Hospital das Clínicas formada pela primeira turma da escola; também a primeira egressa dessa escola a presidir a ABEn – Seção BA e a coordenar a Residência de Enfermagem da Escola de Enfermagem.

As conquistas alcançadas ao longo de sua trajetória de vida lhe conferiram credibilidade e reconhecimento de alunos, professores e enfermeiras. Entretanto, a persistência em suas convicções e a postura firme adotada em algumas situações de conflito vivenciadas na EEUFBA nem sempre foram compreendidas pelos pares.

Maria José representou a nova geração de enfermeiras de nível superior na Bahia e lutou pela valorização da imagem e do trabalho dessa categoria profissional na sociedade baiana, sempre atenta às demandas de saúde do período histórico vivido. Destacou-se na Escola de Enfermagem e no

Hospital das Clínicas; assumiu a direção da Escola, onde garantiu a integração docente-assistencial e protagonizou a conquista pela independência administrativo-financeira da escola, demonstrando prestígio, capacidade de articulação e negociação – qualidades necessárias à liderança.

A vida de Maria José de Oliveira é um exemplo de dedicação pela EEUFBA. Portanto, o resgate de sua trajetória permite conhecer a história que retrata uma das enfermeiras responsáveis pela consolidação do projeto proposto por Haydée Guanais Dourado para a Escola de Enfermagem e para a enfermeira na Bahia.

REFERÊNCIAS

1. Fernandes JD (Coord.). Memorial Escola de Enfermagem: 1946-1996. Salvador: Universidade Federal da Bahia; 2001.
2. Rocha LB, Barreira IA. A enfermagem e a condição feminina: figuras-tipo de mulheres no Estado Novo. *Esc Anna Nery Rev Enferm*. 2002;6(2):195-210.
3. Vieira RQ, Sanna MC. História oral e enfermagem em periódicos científicos digitais brasileiros: um estudo bibliométrico. *Hist enferm Rev Eletrônica*. [Internet]. 2013 [citado em 14 Jan 2016];4(2):127-39. Disponível em: [HTTP://www.here.abennacional.org.br/here/n2vol4artigo3.pdf](http://www.here.abennacional.org.br/here/n2vol4artigo3.pdf)
4. Alberti V. O projeto de pesquisa. In: Alberti V. Manual de história oral. 3a ed. Rio de Janeiro: FGV; 2005. p.29-41.
5. Le Goff J. Prefácio. In: Bloch ML. Apologia da história ou o ofício de historiador. Tradução André Teles. Rio de Janeiro: Zahar; 2001. p. 15-34.
6. Luchesi LB, Lopes GT. História oral. In: Oguisio T, Campos PF, Freitas GF (orgs.). Pesquisa em história da enfermagem. 2ª ed. Barueri, SP: Manole; 2011. p. 401-56.
7. Belei RA, Gimenez-Paschoal SR, Nascimento EM, Matsumoto PH. Uso de entrevista, observação e videogravação em pesquisa qualitativa. *Cadernos de Educação* [Internet]. 2008 [citado 2016 mai 4];(30):187-99. Disponível em: http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/1350501221.pdf
8. Franco ML. Análise de Conteúdo. 4ª ed. Brasília: Liber Livro; 2012.
9. Tavares LHD. A República de 1889 na Bahia. In: Tavares LH. História da Bahia. 11a ed. São Paulo/Salvador: UNESP/EDUFBA, 2008. p. 295-358.
10. Barros AV, Machado MC. A questão social e política no Brasil em 1919: a visão de Rui Barbosa. *Acta Sci Human Soc Sci* [Internet]. 2006 [citado 2016 mai 4];28(1):81-91. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/185>.
11. Fernandes JD, Silva RM, Calhau LC. Educação em enfermagem no Brasil e na Bahia: o ontem, o hoje e o amanhã. *Enfermagem em Foco*. 2011;2:63-7.
12. Secaf V, Costa HC. Enfermeiras do Brasil: história das pioneiras. São Paulo: Martinari; 2007.
13. Mott ML, Alves OS, Muniz MA, Martino LV, Santos AP, Maestrini K. “Moças e senhoras dentistas”: formação, titulação e mercado de trabalho nas primeiras décadas da República. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos* [Online]. 2008 [citado 2016 mai 4]; Supl;15:97-116. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702008000500005
14. Taberna da História do Sertão Baiano. Jequié. Mercado da Praça da Bandeira foi inaugurado em 1954 [Internet]. 2012 [citado 2016 mai 4]. Disponível em: <http://tabernadahistoriavc.com.br/page/152/>
15. Diplomas da Escola de Enfermagem da Bahia a serem registrados no Ministério da Educação e Saúde – Maria José de Oliveira. Salvador: NUMEE; 1951.
16. Campos PFS. História social da enfermagem brasileira: afrodescendentes e formação profissional pós-1930. *Rev Enferm Ref*. 2012 mar; III Série (6):167-77.
17. Campos PF. Memorial de Maria de Lourdes Almeida: história e enfermagem no Brasil pós-1930. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos* [Online]. 2013 [citado 2016 mai 4]; 20(2):609-25. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702013000200609.
18. Villas-Boas MJ. Diário dos primeiros anos da Escola de Enfermagem da Universidade da Bahia. Salvador: NUMEE.

19. Barreira IA, Baptista SS, Cardoso TC. Associação Brasileira de Enfermeiras Diplomadas no contexto da aliança Brasil-Estados Unidos: II guerra mundial e pós-guerra. *Hist enferm Rev Eletrônica*. [Internet]. 2010 [citado 2016 mai 4];1(1):2-23. Disponível em: http://www.here.abennacional.org.br/here/n1vol1ano1_artigo1.pdf
20. Mancia JR, Padilha MI. Trajetória de Edith Magalhães Fraenkel. *Rev Bras Enferm* [Online]. 2006 [citado 2016 mai 4];9:432-37. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672006000700009&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt
21. Silva MELN. Cidade Tísica: a tuberculose em Salvador nas primeiras décadas do século XX. In: *Anais do V Encontro Estadual de História Anpuh/BA: História e Memórias: lugares, fronteiras, fazeres e políticas*. 2ª ed. Salvador; 2010.
22. Pinheiro FT, Mendes FP. As enfermeiras e a enfermagem na época vitoriana segundo a obra de Anne Perry. *Hist enferm Rev Eletrônica*. [Internet]. 2012 [citado 2018 mai 3];3(2):97-109. Disponível em: <http://www.here.abennacional.org.br/here/vol3num2artigo1.pdf>
23. Alcântara IP, Luckesi MA, Paiva MS. Contando uma bela história: a trajetória da ABEn-Bahia. *Rev Bras Enferm*. 2001;53(4):271-7.
24. Almeida Filho AJ, et al (orgs). *História de vida de enfermeiras brasileiras: contribuição para o desenvolvimento da Enfermagem*. Brasília: Aben, 2016. 182p.
25. Risério A. Entre trevas e tiros. In: Risério A. Edgard Santos e a reinvenção da Bahia. Rio de Janeiro: Versal; 2013. p. 385-409.
26. Berlatto O. A construção da identidade social. *Revista do Curso de Direito da FSG*. 2009 [citado 2016 mai 4];3(5):141-151. Disponível em: <http://ojs.fsg.br/index.php/direito/article/view/242/210>.
27. Santos RE. *Vidas paralelas*. 2ª ed. Salvador: EDUFBA; 2008.
28. Junior NV, Neto EFD'OS. Cipó (1935) e Paulo Afonso (1948). Duas cidades novas no semi-árido baiano. *Seminário de História da Cidade e do Urbanismo*. 2010;11(2):1-28 [citado em 14 mar 2016]. Disponível em: <http://unuhostpedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/viewFile/1307/1281unior>
29. Passos ES. *De anjos a mulheres - ideologias e valores na formação de enfermeiras*. 2ª ed. Salvador: EDUFBA; 2012.
30. Oguisso T, Campos PF, Santiago ES. Maria Rosa Souza Pinheiro e a reconfiguração da enfermagem brasileira. *Texto Contexto - Enferm* [Online]. 2009 [citado 2016 mai 4];18(4):643-51. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072009000400005&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt